

Caracterização morfológica dos prenomes mais populares no Brasil nas décadas de 1930 a 2000: um estudo exploratório

Morphological characterization of the most popular first names in Brazil on the decades of 1930 to 2000: an exploratory study

Márcia Sipavicius Seide*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Mal. Cândido Rondon e Cascavel, PR, Brasil

Resumo: Tanto nas gramáticas escolares quanto nos manuais de Morfologia pouca atenção é dada aos traços morfológicos dos nomes próprios pessoais. Diante dessa lacuna, este artigo apresenta um estudo exploratório baseado em dados do IBGE sobre os primeiros nomes mais populares do período de 1930 a 2000 com o objetivo de investigar se os fenômenos da moda e da tradição também se fazem presentes no nível morfológico e de identificar quais são os sufixos antroponímicos presentes nos nomes mais populares da antroponímia brasileira. Na amostra formada pela união das listas de nomes geradas pelo IBGE, há 13 sufixos na antroponímia masculina e 13 na antroponímia feminina, na qual também houve nome formado por composição aglutinante. A análise do valor de uso de cada sufixo mostrou que, enquanto o morfema feminino *-a* predomina na antroponímia feminina, há uso frequente dos morfemas *zero*, *-el*, *-ão* e *-os* na antroponímia masculina. Quanto à utilização dos sufixos no eixo cronológico, seu ciclo de uso é de três décadas na antroponímia masculina e dois na feminina. Em relação ao uso do par opositivo *-o* e *-a* em pares de prenomes populares em uma mesma década, os dados mostram que houve um ciclo de moda que durou duas décadas (1950 e 1960), não obstante seu uso ter sido constante ao longo de todo o período.

Palavras-chave: Onomástica. Antroponomástica. Prenomes. Morfologia.

Abstract: Both in school grammars and in Morphological textbooks little attention is paid to the morphological features of personal proper names. In view of this gap, this article presents an exploratory study based on IBGE data about the most popular first names during the period from 1930 to 2000 aiming at investigating whether the phenomena of fashion and tradition are also observed at the morphological level and describing which are the anthroponymic suffixes of the most popular names of Brazilian anthroponymy. In the sample formed by the union of lists of first names generated by IBGE, there are 13 suffixes in masculine anthroponomy and 13 in female, and some names formed by agglutinating composition. The analysis of the value of use of each ending showed that while the female morpheme *-a* predominates in feminine names, there is frequent use of the morphemes *zero*, *-el*, *-ão* and *-os* in masculine names. Regarding the usage of suffixes in the chronological axis, the cycle is of three decades in male anthroponomy and two in female anthroponomy. In relation to the usage of the opposition *-o* and *-a* in pairs of popular first names in a same decade, data show that there was a fashion cycle of usage that lasted for two decades (1950 and 1960), although the pair was under constant usage in the period covered by the research.

Keywords: Onomastics. Anthroponomastics. First names. Morphology.

* Professora Associada, Colegiado de Letras, Campus de Marechal Cândido Rondon e Programa de Pós-Graduação em Letras, Campus de Cascavel, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil; Marcia.Seide@unioeste.br

1 INTRODUÇÃO

Em pesquisa recentemente publicada, Fernández Juncal (2021) apresentou evidências estatísticas baseadas em dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estadística da Espanha (INE) sobre a caracterização fonológica dos nomes mais populares naquele país, na atualidade. Seguindo o delineamento de sua pesquisa, porém, focando em dados do português brasileiro e no nível morfológico de análise, foi desenvolvido um estudo exploratório cujos resultados ora se apresentam. Tanto a pesquisa de Fernández Juncal (2021) quanto a ora apresentada estão filiadas à Antroponomástica, uma subárea da Onomástica. A Onomástica é uma área de estudo cujo objeto de pesquisa são os nomes próprios, entre os quais estão os nomes próprios de pessoa, os antropônimos, cuja investigação é feita pela Antroponomástica. Os estudos realizados neste campo de pesquisa podem ser interdisciplinares ou disciplinares. A pesquisa apresentada neste artigo configura-se como disciplinar, linguística e diacrônica. Entende-se por este último termo que “pela diacronia, seguem-se os fatos de língua na sua sucessão, na sua mudança de um momento a outro da história [...] todo estudo diacrônico é uma explicação histórica do sistema sincrônico e os fatos diacrônicos são as mudanças sofridas pela língua” (Dubois et al., 1978, p. 181).

No que se refere a estudos realizados a partir da perspectiva histórica, há diferentes possibilidades de investigação, entre as quais se destacam pesquisas sobre como os sistemas antroponímicos surgem e vão se modificando ao longo do tempo em uma ou mais línguas. Nesta corrente de estudos, Van Langendonck (2007) examinou como sobrenomes e apelidos na língua flamenga foram modificados em sua forma e em seu significado, Ragauskaitė (2020) recuperou o processo pelo qual os primeiros sobrenomes lituanos foram registrados em certidões de batismo do século XVI, Zabalza Seguíñ (2020a, 2020b) propôs uma reconstrução da origem e da dispersão de sobrenomes de origem basca na Espanha da Idade Média à Idade Moderna, Villegas Molina e Brambila Paz (2020a, 2020b) descreveram o surgimento da antroponímia de origem europeia no México usada para nomear a população autóctone daquele país e, reportando-se a uma época mais recente no mesmo país, López-Franco (2020) pesquisou a presença de nomes por motivação religiosa na década de 1960 em certidões de batismo. Já no Brasil, ganham destaque os estudos realizados no estado da Bahia sobre tradição e inovação antroponímica, cuja síntese integrativa é apresentada por Soledade, Santos Rodrigues e Simões Neto (2020).

Com relação à configuração linguística dos antropônimos, há bastante diversidade quando, tendo em vista os diferentes tipos de nomes próprios existentes, há os nomes oficiais, os chamados nomes civis, e os nomes não oficiais, como apelidos e hipocorísticos. Na constituição dos nomes civis, pode haver um ou mais prenomes e um ou mais sobrenomes, além de agnomes como *Filho*, *Neto* ou *Júnior* (Amaral; Seide, 2020). Este estudo exploratório examina o prenome ou o primeiro prenome (no caso de haver nomes formados por duas peças lexicais) oficial e com alta frequência no território brasileiro, de acordo com os dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

A pesquisa ora apresentada centra-se na caracterização morfológica dos prenomes masculinos e femininos mais recorrentes na antroponímia brasileira, segundo o IBGE (2010), ao longo do período abrangido pelos censos realizados pelo

referido instituto¹. Para a realização desta investigação, foram coletados dados no site da instituição brasileira e foram analisados, do ponto de vista morfológico, os prenomes mais populares no Brasil, por década, desde antes de 1930 até a década de 2000 (i.e. até o ano de 2009), tendo, por ponto de partida, o elenco inicial de sufixos descrito por Soledade (2012). É preciso esclarecer que o adjetivo *popular* é usado nesta pesquisa e pelo IBGE como sinônimo de mais frequentes, assim, por exemplo, os vinte nomes mais populares de 1980 são os vinte nomes mais frequentes naquela década. Outra informação importante é que os nomes são atribuídos a uma década determinada segundo o ano de nascimento dos entrevistados pelo censo.

Para alcançar o objetivo geral da pesquisa (a realização de um estudo exploratório para se saber o que caracteriza, morfológicamente, a antroponímia popular masculina e a antroponímia popular feminina e se os fenômenos da moda e da tradição também ocorrem no nível morfológico, procurou-se saber: (1) se o repertório de processos morfológicos à disposição era equivalente nas antroponímias feminina e masculina; (2) se os recursos são usados da mesma forma em ambas e (3) se houve diminuição do uso da oposição morfológica de gênero *-o / -a* nos nomes durante o período abrangido pelo IBGE. Este artigo está organizado na seguinte maneira: na primeira seção, apresentam-se estudos anteriores sobre o assunto no Brasil e no exterior; na segunda seção, descreve-se a fundamentação teórica utilizada na pesquisa e, na terceira, os procedimentos metodológicos adotados e os resultados de pesquisa. Espera-se que o estudo possa contribuir para um melhor entendimento dos aspectos morfológicos dos prenomes em uso no Brasil e inspirar pesquisadores especialistas em Morfologia a realizarem mais pesquisas sobre o tema.

FLP 23(1)

2 ESTUDOS ANTERIORES SOBRE A CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA DO PRENOME

Num primeiro momento, buscou-se verificar as menções aos prenomes em gramáticas prescritivas e manuais de Morfologia publicados no Brasil. Com este propósito, foram pesquisadas seis obras na primeira categoria e três na segunda, cuja seleção foi feita procurando-se abarcar início, meados e final do século passado, de um lado e, de outro, incluir uma diversidade de pontos de vista: cada manual adota um viés teórico diferente dentro da morfologia e quanto às gramáticas há as escolares e as voltadas a um público mais amplo.

Verificou-se que, no que diz respeito à definição de substantivo próprio, as gramáticas pesquisadas convergem: em todas, há a ideia de o que diferencia esta subclasse de palavras é o seu uso unívoco para fazer referência a um ser individualizado, resultado visualizado no Quadro 1.

¹ Do ponto de vista semântico, muitos estudiosos argumentam que os nomes próprios são desprovidos de significado lexical (Amaral; Seide, p. 159), enquanto outros partem do ponto oposto e defendem que os nomes próprios são mais significativos que os nomes comuns (Amaral; Seide, p. 161-164). A análise morfológica apresentada neste artigo é independente desta questão, haja vista a existência de formação morfológica tanto em palavras com conteúdo lexical quanto em palavras desprovidas deste conteúdo, como é o caso de palavras gramaticais que apresentam sufixos de gênero e número como, por exemplo, os pronomes demonstrativos da língua portuguesa.

Quadro 1 - Definições de nomes próprios em gramáticas prescritivas.

<i>Gramática</i>	<i>Definição de substantivo próprio</i>
Pereira Junior (1924, p. 62)	“é o que indica o nome dos indivíduos”.
Reunião de professores (1937, p. 9)	“é aquelle que pertence em particular a uma pessoa, a um animal ou a uma cousa”.
Almeida (1961, p. 80)	“é o substantivo que expressa, em determinadas classes, um único ser dessa espécie”.
Cegalla (1965, p. 110)	“os que se aplicam a um ser em particular”.
Cunha e Cintra (1985, p. 172)	“quando se aplica a determinado indivíduo da espécie, o substantivo é PRÓPRIO”.
Faraco e Moura (1990 p. 151)	“é aquele que nomeia um ser entre outros da mesma espécie”.
Conclusão	O substantivo próprio é definido por sua UNIVOCIDADE.

Fonte: Elaboração da autora.

A gramática escolar mais antiga consultada foi a de Pereira Júnior (1924), a qual não menciona os substantivos próprios nas partes de sintaxe de colocação, nem na de processos morfológicos, se bem cite os hipocorísticos numa observação sobre o processo de formação de substantivos compostos: “Os substantivos compostos, formados pela duplicação, recebem o nome de hipocorísticos e são de uso infantil ou familiar. Exs.: papae, mamãe, nê-nê, titia, vô-vô, Zé-Zé, Lulu, Dudu, etc.” (Pereira Júnior 1924, p. 71).

Em outra obra didática antiga, publicada em 1937, por “uma reunião de autores”, há menção à sub-classe dos nomes de pessoas para exemplificar o gênero dos substantivos próprios femininos, porém, sem distinguir gênero gramatical e gênero biológico (Jimenez Segura, 2020): “Nomes masculinos são 1º. todos os nomes de homens ou animaes machos, como Pedro, Paulo, cavallo [...] nomes femeninos são 1º. todos os nomes de mulheres ou entes fêmeas como Joanna, Thereza, leôa” (Reunião de professores, 1937, p. 14).

Seguindo-se o eixo cronológico de publicação, vem a *Gramática* de Napoleão Mendes de Almeida, de meados do século passado. Em sua gramática, há várias menções aos nomes próprios. Há uma menção a esta subclasse de substantivo numa observação sobre o uso de crase com nomes próprios femininos, em que esclarece que se pode usá-la ou não, conforme haja ou não utilização de artigo feminino diante de prenomes femininos (Almeida, 1961, p. 61). Aprofundando a classificação de

FLP 23(1)

substantivo próprio, Almeida esclarece que, quando formados por mais de uma palavra, os nomes próprios são locuções substantivas, o que ocorre com os nomes de comércio “Associação dos Comerciantes, A Casa do Professor, O Diário do Povo” (Almeida, 1961, p. 80). Sobre os nomes próprios de pessoas, ele esclarece que, quando formados por uma palavra, são simples e, quando formados por mais de uma, são compostos: “O nome e o sobrenome podem ser simples, como no exemplo dado. Ou compostos: Antônio Luís (nome composto) de Oliveira Santos (sobrenome composto)”, e esclarece em nota de rodapé que, nos casos de compostos, eles também são locuções substantivas (Almeida, 1961, p. 80). Outra menção é feita quando o gramático trata da flexão gradual do substantivo, ocasião em que exemplifica vários processos de formação de hipocorísticos de prenomes (Almeida, 1961, p. 119).

Na gramática de Domingos Paschoal Cegalla, há seis menções, duas delas são sobre os mesmos assuntos abordados por Almeida e/ou Pereira. Há observações sobre os hipocorísticos, citados como exemplos de palavras que “apresentam, ao lado de sua forma plena, uma forma reduzida” (Cegalla, 1965, p. 83); sobre o grau diminutivo do substantivo próprio (p. 132) e uso de crase com nome próprio (p. 235-236). Cegalla (1965) cita também “substantivos próprios que se tornam comuns” (p. 110), dá exemplos de “plural dos nomes próprios personativos” (p. 127) e trata do uso de artigo no plural desses nomes (p. 452).

Nas gramáticas mais recentes de Cunha e Cintra (1985) e de Faraco (1990) consultadas, as menções seguem as temáticas já descritas. Os primeiros definem como derivação imprópria “a passagem de substantivos comuns a próprios” e citam, como exemplos, os sobrenomes “Coelho, Leão, Pereira” (Cunha; Cintra, 1985, p. 103). O prenome *Maria* é citado por eles como um exemplo de substantivos que “são geralmente femininos”. Os gramáticos tratam também do uso de artigo definido e indefinido com nomes próprios e do uso de crase com nomes próprios (Cunha; Cintra, 1985, p. 202, p. 216-217, p. 232-233).

Faraco e Moura, por sua vez, abordam os nomes próprios em três ocasiões: quando exemplificam o processo de formação de palavras por composição, ao usar o exemplo “Portugal (porto + cale)” (Faraco, 1990, p. 137), quando tratam do processo de hibridismo, ao citarem, como exemplo deste processo, o nome de lugar *Fernandópolis* e, por último, ao afirmarem que “O uso de crase em nome próprio feminino é facultativo” (p. 394).

Nas gramáticas consultadas, são esparsas e secundárias as referências aos substantivos próprios para além da definição de substantivo próprios. Nos manuais de Morfologia consultados, há ainda menos consideração por esse tipo de substantivo. Rosa (2000) discute a questão do gênero do nome em português, contudo, não inclui os nomes próprios na discussão e não os menciona em momento algum em sua obra. Zanutto (2013, p. 53), por sua vez, faz apenas uma menção quando cita hipocorísticos como casos de uso de morfema reduplicativo e Lopes (2003, p. 83) considera que um nome como “José Lopes” é um caso de nome “uniforme sobrecomum só singular” e observa, em nota de rodapé, que “Os substantivos normalmente não são pluralizáveis, nem admitem determinações” (Lopes, 2003, p. 83).

A consulta realizada em gramáticas prescritivas e manuais de Morfologia mostra que há pouca informação sobre a caracterização morfológica dos nomes próprios na língua portuguesa do Brasil. Não há, por exemplo, a informação de que

existem desinências masculina e femininas que nomes próprios e nomes comuns compartilham e processos morfológicos que atingem a ambos.

Considerando que, nas primeiras décadas deste século, foram publicadas gramáticas de natureza mais descritivas, consultaram-se também as gramáticas de Castilho (2010) e Neves (2000), consulta que confirmou o apontado por Amaral e Seide, mostrando que a visão sobre a definição de nomes próprios não se alterou:

As gramáticas descritivas da língua portuguesa ampliam um pouco a visão tradicional, mas não chegam a se debruçar sobre as propriedades específicas dos nomes próprios. Recorre-se à diferença entre denotação e conotação, apontando para o fato de que o substantivo comum denotaria e conotaria, ao passo que o substantivo próprio apenas denotaria (Castilho, 2010, p. 468). Também são identificadas como possíveis características: a) identificação de referente único; b) ausência de traços identificadores de uma classe; c) não descrição dos seus referentes; d) restrições referentes à propriedade de o nome ser quantificado ou contado, isto é, ser usado no plural; e) possibilidade de transcategorização (de substantivo próprio a substantivo comum); f) variação na forma (simples ou composta); g) variação quanto ao uso do artigo; h) possibilidade de comportamento sintático como um nome comum ao receber possessivos, demonstrativos, modificadores, etc. (Neves, 2000) (2010, p. 57).

Estes resultados indicam que, no que se refere aos estudos de língua portuguesa no Brasil, aplica-se a conclusão a que chegaram Schlücker e Ackermann (2017) sobre os estudos onomásticos na Europa: as estudiosas constataram que, não obstante a tradição de estudos dos nomes próprios oriundos da Filosofia da Linguagem, de um lado, e da Onomástica, de outro, bem menos atenção tem sido dada à investigação, descrição e análise das propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas dos nomes próprios (Schlücker; Ackermann, 2017, p. 309). Soledade chegou às mesmas conclusões que as pesquisadoras europeias. Ao investigar esta questão na língua portuguesa, ela também constatou que

O estudo da morfologia dos nomes próprios é ainda incipiente, revelando-se, portanto, um desafio partir do que se conhece da morfologia dos nomes comuns para se tentar estabelecer as bases linguísticas que entram nos processos morfolexicais de formação de antropônimos. (Soledade, 2012, p. 328).

Tendo em vista a escassez de estudos mais aprofundados sobre a morfologia dos nomes próprios, a pesquisa apresentada neste artigo foi desenvolvida visando contribuir para a compreensão dos processos morfológicos peculiares aos prenomes mais populares no Brasil, feita a ressalva de que um estudo mais completo sobre o assunto deve também levar em consideração que há processos morfológicos que são atuantes tanto para a formação de substantivos comuns quanto para a formação de substantivos próprios como é o caso da reduplicação e da abreviação, ambos bastante atuantes na formação de hipocorísticos (Seide; Petrulionè, 2020).

Sobre a questão de como pode ocorrer a codificação linguística da indicação do gênero no prenome, Bajo Pérez (2002) distingue quatro recursos linguísticos para indicar esta informação na língua espanhola: 1) desinência de gênero, como nos nomes espanhóis *Antonio-Antonia*. *Juan-Juana* que formam pares; 2) derivação, como no caso do nome *Guilbermina*, derivado de *Guilbermo*; 3) nomes sem oposição de gênero, isto é,

que não apresentam contrapartes, são masculinos ou femininos conforme o uso, como nos casos de *Beatriz* e *Óscar* e 4) *nomina communia*, isto é, podem ser usados tanto para designar mulheres quanto para designar homens. São exemplos desta categoria os nomes espanhóis *Sagrario*, *Socorro* e *Gertrudis*.

Cumprе ressaltar que os mesmos fenômenos são observados na língua portuguesa: há os nomes para os quais há uma forma masculina e outra feminina, como *Paulo* e *Paula*; nomes marcadamente masculinos como *Artur* e nomes marcadamente femininos, como *Ester*; nomes que são usados para homens e para mulheres, como *Adair*; e nomes femininos em que o morfema *-a* pode alternar para e como no caso de *Daniela* e *Daniele* (Amaral; Seide, 2020, p. 104-105).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tendo em vista que o estudo exploratório apresentado neste artigo objetiva contribuir para a caracterização morfológica do prenome, é necessário, antes de mais nada, esclarecer o que se entende por *morfemas de um prenome*. Considerando que, na língua portuguesa, os substantivos são formados por radical, vogal temática e morfemas (Zanotto, 2013, p. 81), os substantivos próprios contêm radical, seguido ou não de vogal temática e morfema. No caso dos prenomes, de acordo com os estudos anteriores de Bajo Pérez (2002) e Fernández Juncal (2021), a informação gramatical fornecida pelos morfemas dos prenomes em língua espanhola, e também em língua portuguesa, é a de gênero e número, isto é, se o nome em questão é usado para nomear pessoas do sexo masculino ou feminino². Enquanto há morfemas indicadores de gênero gramatical compartilhados por substantivos comuns e substantivos próprios (como é o caso de *Paulo* e *menino* e *Paula* e *menina*, por exemplo, nos quais observam-se os morfemas *-o* e *-a*, indicadores de gênero gramatical), há outros que são exclusivos aos substantivos próprios (como é o caso, por exemplo, do morfema feminino *-ela* do nome *Daniela*). Como se detalha a seguir, a fundamentação teórica utilizada para a identificação dos afixos indicadores de gênero dos antropônimos se pauta na Morfologia Construcional e em pesquisas anteriores que utilizam esta mesma fundamentação.

Um grupo de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (UFBA) realizou uma pesquisa pormenorizada sobre os recursos morfológicos disponíveis na língua portuguesa. Em sua pesquisa sobre a caracterização morfológica de nomes arcaicos portugueses, os pesquisadores apontam a origem etimológica dos sufixos registrados em seu corpus, e traçam um paralelo com nomes atualmente em uso no Brasil, tendo por base listas de nomes de candidatos ao vestibular da UFBA coletados entre 2007 e 2009, que foram analisados durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa *Todos os Nomes*, desenvolvido pela UFBA (Soledade, 2012; Soledade; Santos Rodriguez; Simões Neto, 2020).

Tanto a análise desse grupo quanto a apresentada neste artigo adotam a mesma teoria de análise morfológica, a Morfologia Construcional (Booij, 2010; Soledade, 2013; Simões Neto; Soledade, 2018):

² Não se ignoram aqui os indivíduos transgêneros a quem se reconhece o direito ao nome social (Amaral; Seide, 2020, p. 95).

É importante ressaltar que compreendemos, neste trabalho, a estruturação do léxico e da morfologia a partir daquilo que se conhece como Teoria da entrada Plena (Full Entry Theory) tal como tem sido defendida por Booij (2010), no âmbito da Morfologia Construcional. Essa teoria admite que o léxico das línguas possui uma estrutura hierarquicamente organizada, em que palavras complexas armazenadas na memória do falante são fontes/modelos para abstração de esquemas que permitem a construção de novas palavras complexas seguindo o mesmo molde. Dessa forma, esquemas abstratos de formação de palavras são adquiridos a partir do conhecimento e armazenamento mental de um conjunto de palavras complexas que instanciam os padrões de construção que possibilitam a geração de novos itens lexicais. (Simões Neto; Soledade, 2018, p. 1315).

Importante esclarecer que, apesar de os pesquisadores sempre informarem o étimo latino dos sufixos, algo necessário tendo em vista que seu estudo é sobre o português arcaico, o critério etimológico não é único empregado para a identificação dos sufixos dos prenomes da amostra analisada nesta pesquisa: são utilizados, sobretudo, os esquemas abstratos de formação de palavras que se fazem presente no conhecimento linguístico dos falantes. Assim, para a apreensão dos sufixos antroponímicos, é necessário considerar a competência onomástica do falante ideal relativa ao prenome.

Trata-se de um conjunto de quinze componentes do conhecimento sobre o prenome que abrange os níveis da língua, da norma e da fala e considera o nome tanto como produto quanto como processo, esse conhecimento contempla do saber necessário ao uso proficiente do idioma até o saber opcional, isto é, daquilo que não sendo estritamente necessário ao uso do prenome pode ser conhecido pelo usuário do idioma. (Seide, 2021, p. 67).

Para os fins desta pesquisa considerou-se, especificamente, o componente que se refere à informação gramatical de gênero do nome (Seide, 2021, p. 67). O nome *João*, por exemplo, etimologicamente é formado por “Javé (*Iebo*) é (cheio) de graças (*hanan*)” (Guérios, 1981, p. 151). Utilizando o critério etimológico, chega-se à conclusão de que *hanan* é o sufixo deste nome. Partindo do pressuposto de que comparações lexicais resultam em esquemas abstratos de formação morfológica, conforme defende a Morfologia Construcional, e que os esquemas para a formação de nomes próprios fazem parte do conhecimento onomástico do falante ideal, são consideradas outras relações entre as palavras do idioma. A partir repertório de prenomes usados no Brasil, a forma *João* pode ser comparada com *Joana*, comparação que permite apreender *-ão* como o sufixo informativo do gênero masculino; a partir do repertório de nomes comuns do idioma, também se pode comparar *João* com *irmão*³, comparação que confirma ser o *-ão* um sufixo de gênero masculino usado tanto por substantivos comuns como por substantivos próprios⁴. Exemplos de prenomes com sufixos exclusivamente usados na constituição de substantivos próprios masculinos são os nomes *Lucas* e *Mateus*. No primeiro caso, a terminação *-s* é um sufixo

³ A terminação *-ão* dos substantivos comuns como indicadora de gênero masculino segue a análise proposta por Cunha e Cintra (1985, p. 84).

⁴ Como se vê, há tanto diferenças quanto semelhanças quando se comparam a formação morfológica dos nomes próprios e dos nomes comuns, enquanto as semelhanças apontam para “uma tendência a que sigam as regras dos nomes comuns” (Amaral; Seide, 2020, p. 104), as diferenças indicam as peculiaridades morfológicas dos nomes próprios de pessoas.

antroponímico tendo em vista que há nomes como *Marcos* que são masculinos e terminam da mesma maneira; o mesmo tipo de comparação pode ser feito entre os nomes *Mateus* e *Jesus*, cuja terminação em *-us* indica que se trata de um nome masculino.

Do elenco e dos exemplos fornecidos por Simões Neto e Soledade (2018), interessam aos propósitos deste artigo aqueles que continuam sendo usados na antroponímia brasileira.

Há o formativo *-aldo*, oriundo de prenomes de origem germânica que ingressaram no repertório antroponímico da língua portuguesa na Idade Média, como é o caso no nome *Reinaldo*, e nomes que foram introduzidos mais recentemente na antroponímia brasileira, como é o caso de *Edvaldo*.

O sufixo *-a*, por sua vez está presente nos casos em que os prenomes femininos são formados a partir de prenomes masculinos e resultam nos pares mencionados por Bajo Pérez. Na antroponímia brasileira podem ser citados como exemplos os nomes *Luíza*, *Edvalda*, *Brena* e *Danila*, nomes femininos formados a partir de nomes masculinos, a saber, *Luíz* e *Edvalda*, forma feminina do nome *Edvaldo*, *Brena*, *Breno* e *Danila*. (Soledade, 2018).

Com relação aos nomes masculinos que apresentam o elemento mórfico *-o*, ele

serve sobretudo para atualização, no léxico, de nomes em sua maioria masculinos, é tradicionalmente identificado como vogal temática, contudo é possível identificar o morfema *-o* como portador de significação ‘masculino’, na formação de antropônimos, como em Alziro < Alzira, Janilzo < Janilza; Manoel < Manuela. (Soledade, 2012, p. 329-330).

Conforme mostra a pesquisa de Soledade (2012), prenomes que, no período arcaico, terminavam em *-am* apresentam duas origens. A primeira está presente no nome *Tristam*, oriundo da língua francesa e de origem celta, cujo sufixo *-an* é formador de adjetivos. A segunda remonta aos sufixos latinos *-anu* e *-ana* e está presente no nome arcaico *Sebastiam*, cuja evolução fonética resultou no formativo *-ão* para nomes masculinos, como mostra o prenome *Sebastião*, que é versão moderna do prenome arcaico. Exemplos atuais de nomes formados por esses prefixos podem ser encontrados nos pares *Adriano*, *Adriana*, *Juliano*, *Juliana*, *Mariano*, *Mariana* (Soledade, 2012).

Nomes femininos mais recentes registrados no projeto baiano evidenciaram

a existência das variantes *-ana* ~ *-ane*, esta por influência do francês (Adriane, Aliane, Alziane, Clesbeane, Deijeane, Dorleane, Ediana, Fabiane, Franciane, Gleisiane, Ilana, Jariana, Joseane, Jozana, Juniana, Luana, Luziana, Luziane, Maiana, Milana, Naiana, Naraiana, Rosane, Roseane, Taiana, Uiliane). (Soledade, 2012, p. 330).

Do ponto de vista etimológico, há também uma diferença entre os nomes masculinos e femininos que apresentam a terminação *-el*. Em prenomes masculinos, há proveniência do latim clássico, como é o caso do nome *Gabriel*, ou do hebraico, como é o caso do nome *Miguel*. Já com relação aos nomes femininos, a origem é francesa:

O sufixo francês *-elle*, importado para o português já no período arcaico, designa simultaneamente ‘feminino’ e ‘diminutivo’ – similarmente ao que ocorre com o sufixo *-ina* latino. Esse sufixo possui duas atualizações em

português: *-el*, presente no nome tradicional Isabel, e *-ele*, que se revela significativamente produtivo entre os personativos neológicos do corpus analisado pelo projeto Todos os nomes, como se verifica em: Ariele, Aniele, Diele, Eniele, Francielle, Manuele, Rosele. (Soledade, 2012, p. 330).

Outro sufixo produtivo até hoje é o sufixo de origem greco-latino *-ia*, presente no nome arcaico feminino *Sufia*. Exemplos atuais de uso deste sufixo incluem nomes mais antigos, como *Cecília* e *Marília* e nomes mais recentes, como *Edvânia*. Sobre este sufixo Soledade esclarece que

Em prenomes tradicionais greco-latinos, esse sufixo encontra alguma representatividade, como em *Cecília*, *Eugênia*, *Hercília*, *Marília*. Em nomes neológicos, foram identificadas como possíveis ocorrências de *-ia*: *Avilânia*, *Cíndia*, *Davínia*, *Dejaria*, *Edvânia*, *Elízia*, *Gardênia*. Machado (1981) aponta como brasileirismo: *Islânia*, *Josélia*, *Marúzia*, *Noélia*, *Sidineia*, *Valdélia*. (Soledade, 2012, p. 332-332).

Oriundos dos sufixos latinos *-inu*, *-ina* são os nomes terminados em *-ino* ~ *-inbo* / *-ina* ~ *-inba*, como é o caso dos nomes femininos *Celina*, *Marina* e *Josinba* e dos masculinos *Valdino* e *Jovelino*. Há também o nome *Cristina*, para o qual há a variante *Cristiane*, decerto por influência de nomes femininos franceses.

Também há nomes que terminam em *-nte*, esses nomes são oriundos de adjetivos, como é o caso no nome masculino *Clemente*, cuja contraparte feminina é *Clementina*.

Outros sufixos encontrados em nomes no corpus arcaico e usados ainda hoje são os sufixos *-asco* no nome *Vasco*, *-dor* do nome *Salvador*, *-isco* do nome *Francisco*, *-nça* de *Constança* e, *-triz* de *Beatriz*. Outros sufixos registrados no projeto baiano são: *-son*, *-ete*, *-ita*, *-ito*, *-lane*, *-van* e *-val*. Cumpre informar que o sufixo *-asco* está entre aqueles que, na pesquisa de Soledade tiveram ocorrência singular, informa a seguinte análise para o prenome *Vasco*: “-asco Vaasco *de *Velascu < do basco belasco ‘pequeno corvo’ bele- ‘corvo’ + *-asco ‘diminutivo’” (Soledade, 2012, p. 334).

Os resultados de pesquisa de Soledade ora sintetizados foram reinterpretados para os propósitos desta pesquisa. Houve união de terminações homônimas, incorporação da classificação proposta por Bajo Pérez (2002) e verificação da existência de formação de pares. Chegou-se, assim, a um elenco de terminações femininas e masculinas de nomes do repertório brasileiro, o qual é visualizado nos quadros a seguir. Nesses quadros, o sufixo está destacado com fonte em negrito⁵.

⁵ Apesar de abrangente, esse elenco não é exaustivo, não há menção, por exemplo, do sufixo *-nei* e sua contraparte feminina *-neia*, presentes nos nomes *Valdinei* e *Valdineia*, nem do sufixo feminino *-lene*, presente nos nomes *Marlene* e *Valdirene*.

Quadro 2 – Pares de nomes.

<i>Prenome masculino</i>	<i>Prenome feminino</i>
Márcio	Márcia
Adriano	Adriana
Sebastião	Sebastiana
Celino	Celina
Francisco	Francisca
Edvaldo	Edvalda
LuizØ	Luiza
Manuel	Manuela

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 3 – Terminações exclusivamente femininas ou masculinas.

<i>Sufixos masculinos</i>	<i>Sufixos femininos</i>
Vasco	Crislane
Salvador	Janete
Edson	Beatriz
Gilvan	Constança
Roberval	Cecília

Fonte: Elaboração da autora.

Quadro 4 – Variantes morfológicas de nomes femininos.

<i>Forma padrão</i>	<i>Formas variantes</i>
Isabel	Isabele –Isabela
Daniela	Daniele
Fabiana	Fabiane

Fonte: Elaboração da autora.

A pesquisa de Soledade (2012) e a de Bajo Pérez (2002) formaram a fundamentação teórica necessária para este estudo exploratório sobre os processos morfológicos mais utilizados na antroponímia masculina e na antroponímia feminina: enquanto o Quadro 2 visualiza as características em comum, os Quadros 3 e 4 mostram as peculiaridades morfológicas de cada conjunto antroponímico.

Para saber se os recursos à disposição eram usados da mesma forma em cada antroponímia, utilizaram-se os conceitos de *moda*, *modismo* e *tradição*, aplicados não aos prenomes, como em Seide (2018), mas sim ao uso dos recursos morfológicos presentes nos prenomes. Considera-se a moda como um fenômeno de natureza cíclica, cujo início é pontual, perdura por determinado período e entra em declínio rapidamente, tão prestes como surgiu. Os modismos são nomes cujas frequências são atestadas somente num determinado recorte temporal com aumento e diminuição súbitos de ocorrência. A tradição se diferencia da moda por ser um fenômeno constante. Assim, a ocorrência de um nome tradicional pode variar ao longo do tempo, mas não há

mudanças abruptas de frequência e eles nunca se tornam obsoletos (Seide, 2018, p. 165). Analisar os fenômenos de moda e tradução não apenas no nível lexical, mas também no nível morfológico, é pertinente à medida que permite perceber que determinadas terminações, sendo usuais numa época, podem influenciar as escolhas antroponímicas do período, resultando num determinado padrão estético pelo qual outros nomes que tenham esta mesma terminação podem ser preferidos em detrimento de outros nomes que tenham outras terminações. Se determinada terminação de nome próprio é avaliada como bela pelos falantes, é grande a chance de os pais escolherem, para seus filhos, nomes que tenham esta mesma terminação. Pode ocorrer também de uma terminação soar mais tradicional e ser também escolhida por este motivo⁶, isto é, na presunção de que tal nome soará tradicional.

Neste estudo exploratório, também se investigou se houve diminuição no uso de pares ao longo do período abrangido pelo IBGE. Para tanto, o conceito de Bajo Pérez (2002) foi reinterpretado, tendo em vista o propósito desta pesquisa. Enquanto a pesquisadora espanhola o avalia no nível do sistema linguístico no qual, exemplificando com dados do português brasileiro, há o par *Renato - Renata*, mas não o par **Vanesso - Vanessa*, para os propósitos desta pesquisa, a existência de pares se refere não ao nível sistêmico, mas sim ao nível do uso linguístico em sincronia. Há pares nos casos em que o nome masculino e o nome feminino estão presentes nas listas dos 20 nomes femininos e masculinos mais populares numa mesma década.

Delimitada a fundamentação teórica utilizada, a seção seguinte descreve os procedimentos metodológicos adotados e os resultados da pesquisa.

FLP 23(1)

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS DA PESQUISA

Com relação aos procedimentos metodológicos, foram utilizadas abordagens qualitativas e quantitativas. Para a análise quantitativa, foi criado um parâmetro: o valor de uso dos recursos morfológicos. A noção de valor de uso é fruto da observação do valor posicional em que os nomes se encontram na listagem fornecida pelo IBGE. Para cada posição (de 1 a 20) foi atribuída uma pontuação proporcional à posição de um máximo de 20 pontos para a primeira posição a um mínimo de 1 ponto para a vigésima posição.

Como ponto de partida, formou-se um banco de dados com os vinte nomes masculinos e os vinte nomes femininos informados como sendo os mais populares em cada período abrangido, a saber: décadas anteriores a 1930, década de 1930, década de 1940, década de 1950, década de 1960, década de 1970, década de 1980, década de 1990 e década de 2000, totalizando 180 nomes femininos e 180 nomes masculinos. Após o registro de nomes em quadros organizados por década e por gênero, houve a análise morfológica dos nomes e contabilização dos recursos empregados, para se saber que recursos são mais utilizados, se havia preferência por uns em detrimento dos outros ao longo do eixo cronológico, e se há indícios de tendências não conservadoras

⁶ Considerando que a pesquisa ora relatada é de natureza documental e que o IBGE não fornece informações de cunho social sobre os portadores dos nomes ou quem os escolheu, não se postulou nenhuma hipótese de cunho social sobre o uso dos sufixos, assim questões sobre se poderia haver uma associação entre um ou mais sufixos e certos grupos sociais não foram levantadas e não fazem parte do escopo desta pesquisa.

na última década estudada. Para alcançar este último objetivo, observou-se a frequência de pares de nomes em cada década e ao longo do período. Como houve ocorrência de sufixos não previstos nos quadros, houve criação de categorias ad-hoc. Outro esclarecimento importante diz respeito às variantes ortográficas: elas foram consideradas como nomes diferentes, seguindo-se o mesmo critério usado no IBGE.

Num primeiro momento, foi feita uma análise qualitativa dos dados, desconsiderando-se o número total de frequência no interior de cada lista e levando-se em consideração apenas quantas vezes cada sufixo ocorria em cada elenco de vinte nomes mais populares (seção 4.1 deste artigo). Ao longo dessas seções, para designar cada presença de nome na lista, foi usado o termo *ocorrência*.

Para a investigação do modo pelo qual os recursos foram utilizados, foi feita uma análise de natureza quantitativa para aferir o valor de uso dos sufixos por década. Observou-se que, a cada década, aumentou exponencialmente a população brasileira, motivo pelo qual os números absolutos de frequência de cada nome sobem significativamente de uma década para outra e as décadas mais contemporâneas têm um número de frequência maior. Este aumento reflete um fenômeno demográfico, motivo pelo qual não se levou em consideração o número absoluto de frequência, mas sim o valor de uso dos morfemas. Na análise quantitativa (seção 4.2 deste artigo) foi adotado um procedimento para minimizar o risco de analisar como onomásticos fenômenos demográficos. Fernández Funcal explica que se corre este risco quando somente são usadas taxas brutas de frequência e não se considera o aumento demográfico da população estudada (2020, p. 155-156).

No site Nomes do IBGE, é possível gerar listas de nomes femininos e de nomes masculinos mais populares numa dada época. Para os propósitos desta pesquisa, foram considerados os 20 nomes femininos mais populares e os 20 primeiros nomes masculinos mais populares para cada década. Para cada nome foi feito um cálculo do valor de uso dos morfemas atribuindo-se um valor de 1 a 20 conforme a posição relativa do nome na lista de nomes ordenados conforme a ordem de frequência: à posição 1 foi atribuído um valor igual a 20 e à posição 20 um valor igual a 1. Por fim, foi observado se houve diminuição do uso de pares ao longo do período analisado.

4.1 Análise qualitativa dos dados

4.1.1 Os nomes anteriores a 1930

No elenco de nomes masculinos, o morfema *-o* foi o mais usado, com 7 ocorrências; seguido de nomes terminados com morfema zero, 4 ocorrências; do sufixo *-el*, com 3 ocorrências; e do sufixo *-ão*, com duas. Para os seguintes sufixos, houve uma ocorrência de cada: *-isco*, *-ino* e *-nte*. Houve, por fim, a ocorrência de um sufixo não descrito por Soledade (2012): trata-se do sufixo *-os*, proveniente da desinência latina nomitaviva *-us*, de acordo com Guérios (1981, p. 86), presente no nome *Carlos*. Com relação à ocorrência de pares, observou-se a existência de 9 pares antroponímicos, tendo em vista que 9 formas femininas dos nomes masculinos estavam presentes entre os nomes mais populares femininos no mesmo período.

Com relação à antroponímia feminina, não houve ocorrência de morfema zero e o morfema mais recorrente foi *-a*, com 12 ocorrências; e o sufixo *-ana*, com duas. Houve uma ocorrência do morfema *-el* (exclusivamente feminino) e do sufixo *-ia*

(também exclusivamente feminino). Além destas ocorrências, houve uma para cada um dos seguintes sufixos não mencionados por Soledade (2012): *-efa*, em *Josefa* e *-e*, em *Alice*. Também houve uma ocorrência do sufixo *-ir*, em *Nadir*, o qual, contudo, não é exclusivamente feminino; e em nomes masculinos como *Vandeir*.

4.1.2 Os nomes de 1930

Em comparação com o período anterior, para a antroponímia masculina, aumentou o uso do morfema zero (5 ocorrências). Não obstante, o morfema *-o* continua sendo o mais usado (6 ocorrências), diminuiu um pouco o uso dos morfemas *-el* (duas ocorrências) e *-ão* (duas ocorrências). Os sufixos *-ino*, *-os* e *-isco* continuaram sendo usados, com apenas uma ocorrência. Houve uso de sufixos ausentes na década anterior: duas ocorrências do sufixo *-aldo*, nos nomes *Geraldo* e *Oswaldo*, e uma ocorrência do sufixo *-on* no nome *Nelson*. Com relação aos pares, houve pequena diminuição de uso: 8 ocorrências.

Com relação aos nomes femininos, continuou o predomínio do morfema *-a* (com o mesmo número de ocorrência, ou seja, 12); uso do morfema *-ana* (2 ocorrências); e ocorrência única dos sufixos *-isca*, *-efa*, *-ia*, *-e* e *-ir*. Em comparação com o período anterior, não houve ocorrência de *-ir*, mas houve uma ocorrência de *-inha* no nome *Terezinha*⁷.

4.1.3 Os nomes de 1940

Comparando-se os dados deste período como os anteriores, no que se refere à antroponímia masculina, houve poucas mudanças. Os sufixos *-isco* e *-el* continuaram a ser usados, e com o mesmo número de ocorrências, desde antes de 1930. O sufixo *-on*, que apareceu em 1930, continuou a ser usado. Já o sufixo *-ino* voltou a ser usado no nome *Severino*; houve ligeiro aumento no uso do morfema zero (quatro ocorrências) e do sufixo *-ão* (duas ocorrências); e, pela primeira vez, houve registro do sufixo *-e*, no nome *Jorge*, sufixo não mencionado por Soledade (2012). Quanto ao número de pares, houve 8 ocorrências, o mesmo número de ocorrências de 1940.

No que diz respeito à antroponímia feminina, os resultados para esta década também foram parecidos com os dos períodos anteriores: o morfema *-a* permaneceu com 12 ocorrências, houve o mesmo número de ocorrências de *-ana* (2) e ocorrências singulares de sufixos já usados em 1930, *-isca*, *-ia*, *-efa* e *-inha*. Houve, contudo, o ingresso nos nomes mais populares do sufixo *-ene*, do nome *Marlene*, também não mencionado por Soledade (2012), e o sufixo *-el* não foi mais usado.

4.1.4 Os nomes de 1950

As tendências de uso de sufixos observadas nos períodos anteriores se confirmam para esta década para antroponímia masculina, se bem não tenha havido ocorrência dos sufixos *-on* e *-ino*. Ressalte-se, contudo, o aumento de ocorrências do morfema *-o*, para 8 ocorrências. No que se refere à antroponímia feminina, o sufixo -

⁷ O nome *Terezinha* é um hipocorístico, cujo uso como parte do nome civil no Brasil foi estudado por Seide (2020).

ene, surgido na década anterior, manteve-se e as únicas mudanças observadas foram a ausência do sufixo *-e*, além de uma ocorrência do sufixo *-i*, no nome *Sueli*.

4.1.5 Os nomes de 1960

Os nomes masculinos mais populares no período apresentam todos os sufixos já citados, com exceção do sufixo *-ino*. Não obstante, a terminação em *-o* ter se mantido como predominante, com 7 ocorrências, nota-se o aumento do uso do sufixo *-os* para duas ocorrências (*Carlos* e *Marcos*); o surgimento de um nome com o sufixo *-elo*, no nome *Marcelo*, morfema proveniente de um antigo sufixo latino diminutivo (Guérios, 1981, p. 170), diminuição do uso do sufixo *-el*, que teve apenas uma ocorrência; e decréscimo no uso de pares, de 8 a 9, nas décadas anteriores, para 7, nessa década.

Com relação aos nomes femininos mais populares, algumas mudanças também foram observadas, não obstante, o uso do morfema *-a* ter se mantido constante, com 12 ocorrências. O uso do sufixo *-i* aumentou para duas ocorrências (*Sueli* e *Marli*); houve manutenção do sufixo *-ene*, com uma ocorrência; ausência do sufixo *-inba*; e ocorrência de um nome feminino formado por composição aglutinadora no nome *Rosângela*, formação pela união dos prenomes *Rosa* e *Ângela*.

4.1.6 Os nomes de 1970

Nesta década, os nomes masculinos com o sufixo *-o* voltam a prevalecer, com 8 ocorrências; frente a 4 com morfema zero. Os sufixos *-on*, *-e*, *-ano*, *-isco* são usados em ocorrências singulares. Diminuiu o uso de *-ão*, com apenas uma ocorrência no nome *João*, e manutenção do uso do *-elo*, no nome *Marcelo*. Com relação ao número de pares foram registradas 5 ocorrências, evidência de aumento na tendência de diminuição de uso deste recurso morfológico. Não se registraram nomes nem com o sufixo *-el*, nem com o sufixo *-aldo*.

No que se refere aos nomes femininos, foram observadas algumas mudanças. Pela primeira vez, houve diminuição de nomes com o morfema *-a*, com 8 ocorrências. Esta diminuição foi acompanhada pelo aumento do uso de *-ana* (3 ocorrências), de *-ia* (3 ocorrências), e de *-e* (2 ocorrências) e houve registro, pela primeira vez, do sufixo *-ane*, com duas ocorrências, nos nomes *Cristiane* e *Eliane*. O nome formado por composição aglutinante, *Rosângela*, manteve-se entre os mais populares. Não houve registro nem do sufixo *-i* e nem do sufixo *-ene*.

4.1.7 Os nomes de 1980

Nesta década, houve mudanças e continuidades na antroponímia masculina em comparação com os períodos anteriores. Em primeiro lugar, chama a atenção ser esta a década com menos registros de morfema zero: apenas 2. O sufixo *-o* predominou, com 10 ocorrências, os sufixos *-el* e *-son* voltaram a ser usados: o primeiro com 2 ocorrências nos nomes *Rafael* e *Daniel* e o segundo no nome *Anderson*. O sufixo *-os* manteve-se com duas ocorrências, assim como os sufixos *-elo*, *-isco* e *-ão*, com uma ocorrência para cada morfema.

Na antroponímia feminina, as tendências observadas na década anterior permaneceram: houve ligeiro aumento no uso de nomes com o morfema *-a*, que contou com 9 ocorrências; no uso de *-ana*, com quatro ocorrências; ligeira diminuição no uso do sufixo *-ia*, com 2 ocorrências; e manutenção de ocorrência de nomes com

os sufixos *-ane* e *-e*. Uma novidade desta década é o uso do sufixo *-ela*, contraparte feminina do sufixo masculino *-el*, no nome *Daniela*.

4.1.8 Os nomes de 1990

No que se refere à antroponímia masculina, esta década se destaca por ser aquela com menos uso de morfema zero: há apenas uma ocorrência no nome *José*, também há ocorrências singulares do morfema *-ão* e do morfema *-isco*. Há registro, pela primeira vez, dos sufixos *-as*, no nome *Lucas*, e *-us* no nome *Matheus*. O morfema *-o* continua predominante, com 8 ocorrências; o sufixo *-el* retorna ao uso, com 3 ocorrências, e há duas ocorrências do morfema *-e*. Outra peculiaridade desta década é o pouco uso de pares: apenas 3.

Com relação à antroponímia feminina, o morfema *-a* se mantém, com 9 ocorrências; há 3 ocorrências do sufixo *-ana* e *-ia*; 2 do sufixo *-ela*, que é a forma feminina do sufixo *-el*, e ocorrência singular dos sufixos *-e* e *-ane*. Há também uma ocorrência singular de um sufixo não registrado anteriormente, o sufixo *-ine*, do nome *Jaqueline*.

4.1.9 Os nomes de 2000

Na última década de abrangência da pesquisa do IBGE, não há uso de novos sufixos na antroponímia masculina; o morfema *-o* tem 5 ocorrências; o morfema zero tem 4; o morfema *-el*, 3; e há 2 ocorrências dos sufixos *-us* (surgido na década anterior), *-e* e *-as*, e o sufixo *-as* (que também surgiu na década anterior) tem uma ocorrência singular.

Com relação aos nomes femininos, o morfema *-a* tem 10 ocorrências, e as formas *-ia* e *-ana*, 3 ocorrências cada. Ressalte-se o retorno do sufixo *-ela* (do sufixo francês *-elle*), com 3 ocorrências. Há, na década de 2000, pela primeira vez, registro de uma ocorrência do sufixo *-triz*, no nome *Beatriz*.

Assim, com relação ao repertório de recursos morfológicos presentes nos nomes mais populares segundo o IBGE, pode-se concluir que há bastante equivalência entre a antroponímia masculina e a feminina, pois todos os 13 sufixos à disposição são utilizados, se bem que apenas na antroponímia feminina a composição aglutinativa esteja presente. Observa-se, também, que o morfema *-a* é mais mencionado que a sua contraparte masculina *-o* e que, na antroponímia masculina, há também nomes com morfema zero. Percebe-se, também, que, de modo geral, e desconsiderando o morfema *-a*, os sufixos femininos são menos recorrentes que os masculinos. Este resultado inicial é aprofundado pela análise mais aprofundada dos dados apresentada a seguir.

4.2 Análise quantitativa do uso dos recursos morfológicos na antroponímia masculina e na antroponímia feminina

Nesta seção, analisa-se de modo mais detalhado o uso dos sufixos na amostra analisada. Para se evitar o risco de analisar variações quantitativas devidas a mudanças demográficas e não a mudanças onomásticas, em vez de simplesmente somar o número de frequência de cada processo de formação dos prenomes, segundo o número de frequência de cada nome da lista, preferiu-se atribuir um valor de 1 a 20 de acordo com a posição do nome que apresenta o sufixo na listagem em cada década e

somar os valores dos nomes que apresentam o mesmo sufixo, para se chegar ao valor de uso de cada recurso morfológico. Considerando o valor de uso total no período, foi possível perceber quais processos são mais usuais na antroponímia masculina e na antroponímia feminina. Numa escala de valor, temos a seguinte gradação de uso dos sufixos masculinos: *-o*, \emptyset , *-el*, *-ão*, *-e*, *-os*, *-isco*, *-e*, *-us*, *-aldo*, *-son*, *-ino* e *-nte*. Para a antroponímia feminina, a gradação é a seguinte: *-a*, *-ia*, *-ana*, *-e*, *-isca*, *-efa*, *-ela*, *-ane*, *-inha*, *-ene*, *-triz*, composição por aglutinação, *-ina* e *-ine*. Ressalte-se que houve uso de composição por aglutinação, com valor de uso 16 (no prenome *Rosângela*) quase com o mesmo valor de uso de *-triz*. A tabela 1 a seguir mostra o valor de uso dos diferentes sufixos.

Tabela 1 – Valor de uso dos sufixos.

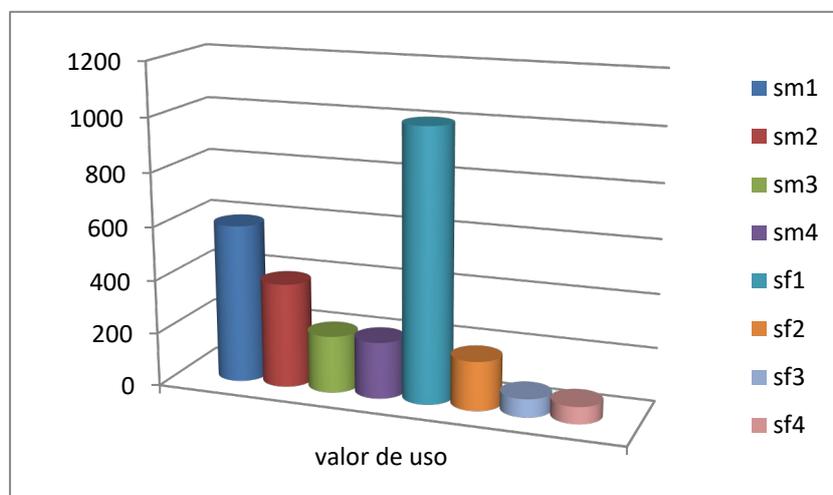
<i>Sufixo</i>	<i>Sigla</i>	<i>Valor</i>	<i>Sufixo</i>	<i>sigla</i>	<i>valor</i>
-o	sm1	591	-a	sf1	1007
\emptyset	sm2	390	-ia	sf2	186
-el	sm3	213	-ana	sf2	183
-ão	sm4	211	-e	sf3	68
-os	sm5	161	-isca	sf4	63
-isco	sm6	111	-ela	sf5	37
-e	sm7	70	-ane	sf6	33
-us	sm8	61	-inha	sf7	31
-aldo	sm9	31	-ene	sf8	26
-elo	sm10	22	-triz	sf10	14
-son	sm11	20	comp.	m11	13
-ino	sm12	9	-ina	sf12	4
-nte	sm13	3	-ine	sf13	1

Fonte: Elaboração da autora.

Comparando-se o valor de uso de cada morfema, percebe-se que o valor de uso do morfema *-a* feminino é muito maior que do masculino *-o*. Além disso, a diferença no valor de uso do primeiro para o segundo e demais colocados é muito maior na antroponímia feminina do que na masculina. Considerando-se a terminação dos morfemas femininos, percebe-se que morfemas que não terminam em *-a* surgem a partir da terceira posição; já na antroponímia masculina, há uso de morfemas que não terminam em *-o*, na segunda posição. O morfema *-e*, por sua vez, está presente em ambos os elencos e com um valor de uso muito semelhante: 70 na antroponímia masculina e 68 na feminina.

O gráfico a seguir visualiza o uso dos quatro sufixos mais frequentes em ambas as antroponímias. Ele mostra a prevalência da sufixação com o morfema *-a*, na antroponímia feminina, o qual é muito mais usado do que o morfema *-o*, na antroponímia masculina. Observa-se, também, com relação aos demais sufixos, a importância do morfema zero na antroponímia masculina e o valor muito menor dos demais sufixos femininos. Isto ocorre, inclusive, nos casos em que o valor de uso parece se igualar: aparentemente o valor de *sm3* e *sm4* de um lado, e de *sf2* de outro, se equiparam; porém, quando os dados são analisados conjuntamente, percebe-se que os sufixos femininos são proporcionalmente muito menos usados que os masculinos.

Frente a esses dados, conclui-se, que, do ponto de vista morfológico, há mais variação de recursos na antroponímia masculina.



Fonte: Elaboração da autora.

Gráfico 1 – Valor de uso dos sufixos masculinos e femininos mais usados.

Para se compreender melhor o comportamento dos sufixos no eixo cronológico, os resultados obtidos foram reunidos e analisados em conjunto, observando-se os valores de uso dos recursos morfológicos por década, para se analisar como os sufixos foram usados ao longo do período abrangido pelo IBGE. Os resultados são apresentados nas tabelas a seguir.

FLP 23(1)

Tabela 2 - Antroponímia masculina de antes de 1930 a 1950.

< 1930	Valor	1930	Valor	1940	Valor	1950	Valor
-o	64	-o	65	-o	66	-o	78
Ø	49	Ø	48	Ø	45	Ø	66
-el	39	-ão	32	-ão	32	-ão	20
-ão	32	-el	27	-el	22	-isco	17
-isco	17	-isco	17	-isco	17	-os	14
-aldo	09	-aldo	02	-aldo	10	-el	13
-ino	06	-ino	01	-os	09	-e	08
-nte	03	-os	05	-e	04	-aldo	07
-os	01	-son	04	-son	03		
		-ino	01	-ino	02		

Fonte: Elaboração da autora.

Tabela 3 - Antroponímia masculina de 1960 a 2000.

1960	Valor	1970	Valor	1980	Valor	1990	Valor	2000	Valor
-o	70	-o	68	-o	86	-o	56	-o	39
Ø	47	Ø	45	-el	32	-el	39	Ø	36
-os	28	-os	29	-os	28	-os	21	-el	33
-ão	23	-isco	18	Ø	27	-as	20	-e	23
-isco	17	-ão	17	-isco	18	Ø	19	-us	21
-e	09	-elo	13	-ão	17	-ão	18	-os	21
-el	08	-e	10	-elo	09	-e	16	-ão	20
-son	04	-ano	07	-son	06	-us	12	-as	18
-aldo	03	-son	03						
-elo	01								

Fonte: Elaboração da autora.

Tabela 4 - Antroponímia feminina de antes de 1930 a 1950.

>1930	Valor	1930	Valor	1940	Valor	1950	Valor
-a	108	-a	103	-a	119	-a	116
-ana	25	-ana	16	-inha	16	-ia	34
-isca	18	-efa	15	-efa	15	-isca	18
-efa	16	-ir	09	-ia	11	-inha	15
-ia	15	-e	01	-ana	09	-ene	13
-ir	11			-ene	03	-efa	10
-e	05			-ir	03	-i	2
-el	03						

Fonte: Elaboração da autora.

Tabela 5 - Antroponímia feminina de 1960 a 2000.

1960	Valor	1970	Valor	1980	Valor	1990	Valor	2000	Valor
-a	124	-a	100	-a	77	-a	141	-a	119
-ia	26	-ana	28	-ana	56	-ana	29	-ia	34
-i	25	-ia	25	-e	22	-ia	21	-ela	23
-isca	17	-e	24	-ia	20	-e	16	-ana	20
-ene	10	-ane	17	-ane	13	-ela	09	-triz	14
-comp.	09	-isca	10	-ela	5	-ane	03		
-ina	04	comp.	07			-ine	01		

Fonte: Elaboração da autora.

As tabelas mostram a existência de flutuações na ocorrência dos sufixos ao longo do eixo cronológico na amostra. Na antroponímia masculina, os sufixos *-ino* e *-nte* só ocorreram em décadas anteriores a 1930; já o sufixo *-us* só ocorreu em 2000. De modo semelhante, na antroponímia feminina, o sufixo *-ina* só foi usado na década de 1960 e os sufixos *-ine* e *-triz* só o foram na década de 2000. Esses dados indicam que há uso pontual de sufixos que, após um curto período, caem em desuso, em igual proporção em ambas as antroponímias.

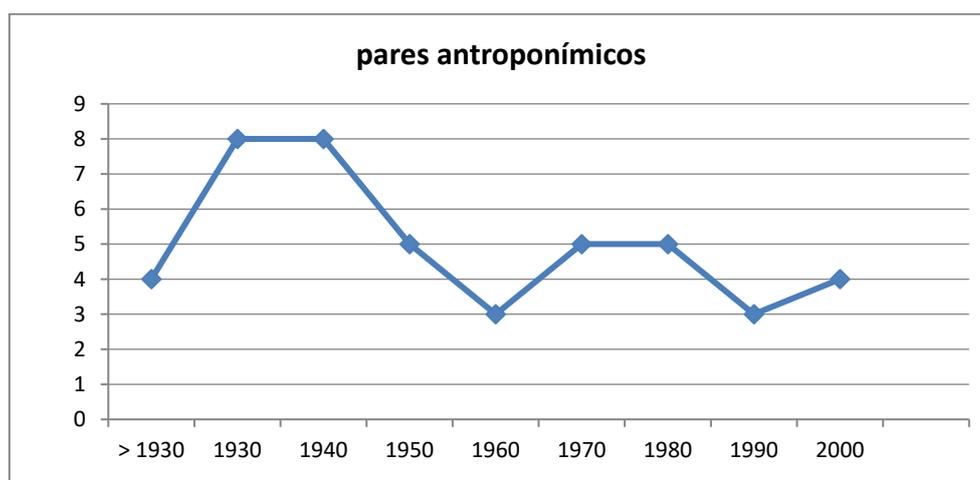
Na amostra, o desuso de um sufixo por duas décadas consecutivas ocorreu igualmente em ambas: na antroponímia masculina, há o caso de *-isco*, não usado apenas em 1990 e em 1960 e, na antroponímia feminina, o caso de *-ana* somente não usado em 1950 e 1960. Interessante observar que o sufixo *-e*, o único presente em ambas as décadas, também foi usado de modo semelhante, pois esteve ausente dos elencos em apenas 3 períodos: na masculina, antes de 1930, 1930 e 1980 e, na feminina, em 1950, 1960 e 2000. O mesmo não ocorreu com os sufixos *-isco* e *-isca*. Enquanto, na antroponímia masculina, o sufixo esteve ausente apenas em 1990 e 2000, na feminina, ele foi usado antes de 1930, e nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

Houve apenas um caso de sufixo cujo uso se estendeu por três décadas na amostra, na antroponímia masculina: o sufixo *-son*, usado em 1930, 1960 e 1980. O uso de sufixos por duas décadas (sucessivas ou não) é mais frequente na antroponímia feminina, na qual os sufixos são assim usados: sufixos *-ela*, *-ane*, *-inba*, *-ene* e nomes formados por composição; já na antroponímia masculina, apenas o sufixo *-elo* foi usado por apenas duas décadas.

Além dos comportamentos de uso já descritos, há uso dos sufixos ao longo de todo o período (sufixos *-o*, *-ão* e *-a*) e ausência do sufixo por apenas uma década. Na antroponímia masculina, este é o caso do uso dos sufixos \emptyset , não usado em 1980; e *-el*, não usado em 1970. Na feminina, há apenas um caso: o do sufixo *-ia*, não usado apenas em 1930. Em contrapartida, três sufixos femininos foram usados por apenas uma década: *-ina*, em 1960, e *-ine* e *-triz*, em 2000.

Considerando o conjunto desses resultados, e desconsiderando comportamentos linguísticos registrados no primeiro e no último período, percebe-se que o ciclo de uso dos recursos na amostra é mais longo na antroponímia masculina, na qual há mais processos sendo usados por 3 ou mais décadas. Na antroponímia feminina, desconsiderados os sufixos mais recorrentes, a maioria dos demais é usada por duas décadas. Estes resultados mostram que o uso dos recursos morfológicos é mais estável na antroponímia masculina, na qual os modismos têm uma duração mais longa (em geral três décadas) que o modismo na antroponímia feminina (cujo ciclo, comumente, é de duas décadas).

Depois de analisados os recursos morfológicos mais recorrentes nos nomes masculinos e dos nomes femininos e seu comportamento no eixo cronológico na amostra, foi investigado o uso de pares ou pares de nomes ao longo do tempo. Para os fins desta pesquisa foi considerado que havia pares de nomes quando, para a mesma década, registrou-se um nome masculino entre os 20 populares e também a versão feminina desse mesmo nome entre os 20 populares da mesma década. Interessante observar que, desde antes da década de 30, não havia muitos pares, apenas 4; nas décadas de 1930 e 1940 este número dobrou. Depois destas décadas, houve alguma oscilação, porém, o uso se manteve no patamar anterior ao auge de uso de pares. Estes resultados são visualizados no Gráfico 2. Estes dados indicam que houve, no uso de pares, um aumento e uma diminuição repentinas em 1950 e 1960, com ciclo de uso de duas décadas de duração, comportamento que caracteriza o uso de pares como um modismo. É notável, contudo, que esse recurso nunca deixou de ser usado, o que mostra ser uma tradição, ainda que seu valor de uso seja baixo. Em outras palavras, trata-se de um recurso tradicional que ‘esteve na moda’ nas citadas décadas.



Fonte: Elaboração da autora.

Gráfico 2 - Usos de pares antroponímicos.

5 SÍNTESE DOS RESULTADOS

No que concerne ao repertório de recursos morfológicos registrados nas listagens de nomes populares, foram inventariados 13 sufixos na antroponímia masculina e 13 na antroponímia feminina, na qual também houve nomes formados por composição aglutinativa. Com relação à recorrência desses recursos, desconsiderando-se o sufixo *-a* feminino, percebe-se que os sufixos femininos não estão entre os mais usados e que os sufixos masculinos se repetem muito mais que os sufixos femininos. Este resultado inicial foi complementado pela análise quantitativa que mostrou como esses sufixos foram utilizados ao longo do período.

Nesta segunda etapa de pesquisa, investigou-se quando e por quanto tempo os sufixos e o recurso à composição foram registrados. Verificou-se que, na amostra, os modismos no uso dos recursos morfológicos apresentam ciclo mais longo na antroponímia masculina, cerca de três décadas, e que, na antroponímia feminina, os ciclos de utilização são de duas décadas.

Na próxima etapa de pesquisa, considerou-se o valor de uso de cada recurso na amostra. Há uma disparidade muito grande, na antroponímia feminina entre o morfema *-a* e todos os demais. Isto não ocorre na antroponímia masculina, na qual, apesar de também predominar o uso do morfema *-o*, também há uso frequente de morfema *zero*, *-el*, *-ão* e *-os*.

Na última etapa de pesquisa, por fim, foi observado o uso de pares durante o período. Constatou-se que, apesar da existência de um ciclo de modismo que perdurou por duas décadas (1950 e 1960), houve um uso constante deste recurso, porém, com um valor de uso modesto. Enquanto nas décadas mencionadas um número considerável de nomes se tornou popular tanto para homens quanto para mulheres, nas demais décadas, a tendência foi a de os nomes populares masculinos e femininos formarem conjuntos diferentes de nomes com algumas exceções; em outras palavras, nomes e sufixos distintos foram usados, preferencialmente, para nomear homens e mulheres. Estes resultados mostram, por fim, que a moda e a tradição não se limitam ao nível lexical, mas também ocorrem morfológicamente.

REFERÊNCIAS

- Alford RD. Naming and identity: a cross-cultural study of personal naming practices. New Haven: HRAF Press; 1988.
- Almeida NM. Gramática metódica da língua portuguesa. 13ª ed. São Paulo: Saraiva; 1961.
- Amaral ETR, Seide MS. Nomes próprios de pessoa: introdução à antroponímia brasileira. São Paulo: Blucher; 2020.
- Bajo Pérez E. La caracterización morfosintáctica del nombre propio. A Coruña: Noia; 2002.
- Booij G. Construction morphology. Oxford: Oxford University Press; 2010.
- Castilho AT. Nova gramática do português contemporâneo. São Paulo: Contexto; 2010.
- Cegalla DP. Novíssima gramática da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 1965.
- Cunha C, Cintra L. Nova gramática do português contemporâneo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1985.
- Dubois J, et al. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix; 1978.
- Faraco CE, Moura FM. Gramática, fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, estilística. 4ª ed. São Paulo: Ática; 1990.
- Fernández-Juncal C. Estructura formal del repertorio antropónimo español. Revista de Filología Española. 2021;10(1):127-149. [citado 19 mai. 2021]. Disponível em: <http://revistadefilologiaespañola.revistas.csic.es/index.php/rfe/article/view/1287>.
- Fernández-Juncal C. Evolución de los usos antroponímicos en España. Moenia. 2019;25:149-177.
- Guérios RFM. Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes. São Paulo: Ave Maria; 1981.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nomes no Brasil2010 [internet]. [citado 11 abr. 2021]. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>.
- Jimenez Segura S. La construcción de la identidad de género a partir de la selección del nombre de pila. Onomástica desde América Latina. 2020;1(1):172-198. [citado 26 mar. 2021]. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/24165/pdf_1.
- Lopes CAG. Lições de morfologia da língua portuguesa. Jacobina: -BAAtIPÔ BA-Carimbos; 2003.
- López FYG. Modelo de atribución tradicional: el calendario católico en las partidas de bautismo de la catedral de Tlalnepantla de Baz, Estado de México en 1960. Onomástica desde América Latina. 2020;1(2):144-164. [citado 26 mar. 2021]. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/25482>.
- Neves MH. Gramáticas de usos do português. São Paulo: Unesp; 2000.
- Machado JP. Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa. Lisboa: Horizonte/Confluência; 2003. (Vol. 3).
- Pereira Júnior FA. Grammatica pratica. Curitiba: Empreza Graphica Paranaense; 1924.
- Ragauskaitė A. Tendencies of formation of anthroponyms of rural residents in the oldest Lithuanian parish register of Joniškis dated 1599-1621. Onomástica desde América Latina. 2021;2(3):1-27. [citado

26 mar. 2021]. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/25781>.

Reunião de professores: gramática, lexicologia, análise, composição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves; 1937.

Rosa MC. Introdução à morfologia. São Paulo: Contexto; 2000.

Schücker B, Ackermann T. The morphosyntax of proper names: an overview. *Folia Linguística*. 2017;51(2):309-339.

Seide MS. Moda e tradição na antroponímia. In: Dal Corno GOM, Negri AI, organizadores. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS; 2018. p. 161-178.

Seide MS. Prenomes cristãos: constituição, etimologia, motivação para a escolha antroponímica e conhecimento onomástico. *Revista de Estudos da Linguagem*. 2021;29:49-76. [citado 19 mai. 2021]. Disponível em <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/16765>.

Seide MS, Petrulionė L. Formação e usos de nomes hipocorísticos no português do Brasil e no idioma lituano. *Alfa*. 2020;64:1-27. [citado 27 mar. 2021]. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942020000100204&tlng=pt.

Soledade J. A antroponímia no português arcaico: aportes sobre a sufixação em nomes personativos. In: Lobo T, et al., organizadores. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA; 2012. p. 323-336. [citado 25 mar. 2021]. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/67y3k>.

Soledade J. Experimentando esquemas: um olhar sobre a polissemia das formações [Xi-EIR-]Nj no português arcaico. *Diadorim*. 2013;1(esp.):83-111.

Soledade J, Rodrigues LS, Simões Neto NA. A inovação antroponímica na Bahia dos séculos XIX, XX e XXI. *Domínios de Linguagem*. 2020;15(2):1-33. [citado 27 mar. 2021]. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/57065>.

Van Langendonck W. *Theory and typology of proper names*. Mouton de Gruyter: Berlin/New York; 2007.

Villegas Molina ME, Brambila Paz R. Antroponímia registrada en las Mercedes de Jilotepec, siglo XVI. *Onomástica desde América Latina*. 2020a;1(1):122-144. [citado 25 mar. 2021]. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/24162>.

Villegas Molina ME, Brambila Paz R. Apellidos hispánicos en Centro-Norte de Nueva España, siglo XVI. *Onomástica desde América Latina*. 2020b;1(2):103-121. [citado 25 mar. 2021]. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/25489>.

Zabalza Seguí A. Del solar bajonavarro a la Nueva España: el viaje de Juan de Jaso (1523). *Onomástica desde América Latina*. 2020a;1(1):17-44. [citado 25 mar. 2021]. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/24157>.

Zabalza Seguí A. El papel del estado en la formación de los apellidos: la Navarra francesa y la Navarra española. *Onomástica desde América Latina*. 2020b;1(2):17-44. [citado 25 mar. 2021]. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/25491>.

Zanotto N. *Estrutura morfológica da língua portuguesa*. 6ª ed. Caxias do Sul: IBRAL; 2013.